

A partir do dia 22 de junho de 1946, centenas de pessoas garantiram a sobrevivência, crescimento e, às vezes, a hibernação do Centro Acadêmico "Visconde de Cairu", órgão de representação dos alunos da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo. De geração a geração, num processo complexo e às vezes pouco compreensível, as diretorias foram se sucedendo, assumindo posturas corajosas em prol do aprimoramento do ensino na Faculdade de Economia e Administração; das condições de vida do estudante; do sistema universitário brasileiro; e da mudança da sociedade brasileira em direção ao seu desenvolvimento. Durante toda a sua existência, o CAVC assumiu papel crítico em relação à injustiça, à falta de liberdade e à falta de espírito democrático que caracterizaram nossa sociedade, em especial após o período de 1964.

O presente capítulo da História da FEA/USP procura registrar os 35 anos do CAVC. Foram trinta e cinco anos de envolvimento, participação e comprometimento de grande número de alunos da FEA/USP. Poucos foram os presidentes e diretores do CAVC, mas muitos foram aqueles que durante sua vida acadêmica mergulharam neste mundo de fraternidade, de igualdade, de debate de idéias, de discussão de princípios, de questionamento do passado, de análise do presente e de profunda preocupação com referência ao futuro. Foi neste ambiente que se forjaram e ainda são forjadas muitas das lideranças estudantis que mais tarde assumiram o mesmo papel na sociedade.

Relatar a história de um Centro Acadêmico é tarefa especialmente complexa em função da transitoriedade de todos os membros que o integram. Tanto os membros da diretoria assim como todos os associados são transitórios. As diretorias vão se sucedendo como numa corrida de revezamento sem fim, onde o bastão é entregue de diretoria para diretoria, a cada ano, para trilhar mais um trecho de sua história. Cada diretoria, eleita democraticamente por todos os associados, é composta por um presidente, dois

vice-presidentes e vários diretores que assumem funções de representação interna e externa dos alunos da FEA/USP. Dependendo do momento que o País e a Universidade atravessam, esta representação se realiza com maior ou menor envolvimento da maioria dos alunos, mas sempre dentro de um espírito profundamente democrático.

As organizações humanas têm, em geral, rico elenco de histórias contadas de geração a geração. Estas histórias baseiam-se em eventos e constituem parte importante da "memória" e da cultura organizacional. Nessas histórias são incorporados os "valores" que impregnam a missão, as formas de relacionamento, os objetivos, enfim todos os aspectos qualitativos que caracterizam a dinâmica organizacional. No caso do CAVC esta possibilidade inexistente. As histórias alcançam, no máximo, quatro gerações de alunos e depois se perdem no tempo. A juventude dos alunos, que caracteriza a maior parte dos associados do CAVC, os leva naturalmente a se preocuparem mais com o presente e o futuro, do que com o passado. Foi esta situação peculiar que levou-nos a recompor a história do CAVC com base no depoimento dos ex-presidentes, já que outras fontes praticamente inexistem.

Com base no depoimento de vários ex-presidentes que dirigiram o CAVC de 1946 a 1981 foi possível reconstituir alguns dos principais eventos que caracterizaram a vida do CAVC nesses 35 anos. Este relato não tem a pretensão de ser uma história completa e fidedigna do Centro, mas um registro de alguns dos principais fatos que ficaram na memória dos seus ex-dirigentes.

Os dados coletados nos levaram a dividir a história do CAVC em três períodos: o primeiro, desde a sua fundação, em 1946, até 1957; o segundo, de 1958 a 1969; e o terceiro, de 1970 até 1981. A primeira fase se caracterizou pela preocupação quanto à estrutura da FEA. A segunda foi marcada pela consolidação do Centro, internamente na FEA e, externamente, no cenário político estudantil. A terceira fase se inicia imediatamente após a decretação do AI-5 quando inúmeras lideranças do movimento estudantil da FEA tiveram que se afastar, deixando um vácuo que só alguns anos depois foi preenchido com o surgimento de novas lideranças.

1. O Período de 1946 a 1957

Os primeiros dez anos de existência do CAVC foram marcados pela constante preocupação em estruturar uma nova faculdade. O número de alunos era reduzido (a primeira turma de alunos da FEA foi constituída por 14 alunos), a profissão de economista e de administrador era desconhecida, o ensino de contabilidade em nível superior estava sendo experimentado. Vivia-se uma fase de incerteza, na qual tanto professores como alunos estavam se arriscando na aventura de um novo horizonte.

No primeiro semestre de 1947, o CAVC conheceu seu primeiro movimento após a sua criação. Este culminou com uma greve de todos os alunos da Universidade de São Paulo e teve por objetivo evitar a efetivação dos professores que não tinham realizado seu concurso de ingresso. O movimento prosseguiu para somente em 1949 e, através de outras campanhas, resultar na abertura do primeiro concurso de títulos e provas da FEA/USP para o provimento de suas cátedras, através do qual foi escolhida, em 1950, a Professo-

ra Alice Piffer Canabrava, primeiro catedrático da Faculdade. Com isto estaria se interrompendo a praxe da "nomeação" dos professores e garantindo o aprimoramento do corpo docente.

Mais tarde, em 1956, novo movimento dos alunos abalou a estrutura de poder da FCEA/USP. Uma greve de três dias foi realizada em protesto às irregularidades existentes na constituição e no funcionamento do corpo docente. Várias comissões de sindicância foram constituídas sem grandes resultados, para que, finalmente, em função do movimento do CAVC, uma comissão fosse nomeada pelo Governador do Estado, resultando numa série de medidas que vieram a beneficiar o funcionamento da Faculdade. Em 1957 o movimento ainda continuou sem resultado para criar-se a Congregação da Faculdade, só instalada em 1960, constituída por professores catedráticos por concurso e efetivos, e representantes dos alunos; dessa forma, tornou a Faculdade administrativamente responsável pelo seu destino e menos dependente da Reitoria.

O período de 1946 a 1957 assinala-se pelo esforço de estruturação de uma nova faculdade, constituída por um corpo docente heterogêneo, proveniente de outras faculdades mais antigas, como por exemplo, da Faculdade de Direito, da Faculdade de Filosofia, da Escola Politécnica etc. Entre os alunos, apesar do seu pequeno número, já havia uma consciência social desenvolvida, como pode ser observado no seguinte trecho do discurso da primeira turma da FCEA/USP em 1951, cujo orador, Sr. Egberto Leite de Carvalho Silva foi o primeiro presidente do CAVC:

"Problemas nacionais sempre houve e sempre haverá. Não há de causar admiração a ninguém esta afirmativa, visto como a vida econômica e a vida social estão em constante movimento, modificando-se, portanto, continuamente. Estas mudanças envolvem reajustamentos, que por sua vez trazem novos problemas. . . Têm-se apontado as dificuldades da agricultura e da pecuária, a erosão, o empobrecimento do solo pela cultura irracional da terra. A pobreza da aplicação do trabalho mecânico à lavoura, que utiliza de preferência a energia muscular humana; a falta de habitação rural adequada; as condições precárias de higiene minando a saúde do trabalhador. O ensinamento inadequado aos homens do campo, contribuindo para o seu desajustamento e para o êxodo rural. Em algumas cidades, um forte adensamento da população, trazendo a escassez de habitação, criando problemas de abastecimento, de ensino, até mesmo de ordem pública.

As indústrias vêem-se prejudicadas em seu desenvolvimento, quer por falta de reequipamento industrial, quer por falta de desenvolvimento das pesquisas científicas e tecnológicas, ou por falta de cooperação entre os órgãos que delas cuidam e das entidades privadas. Nas empresas industriais, mesmo as maiores, predominam o empirismo e não há trabalhos e nem administração racionalizados e bem divididos. Os transportes, segundo inúmeros relatórios e informações, são insuficientes para darem escoamento a homens e mercadorias. O seu desen-

volvimento torna-se imprescindível, até mesmo para a unidade nacional.

... No campo internacional, verificamos a luta por uma hegemonia econômica, porque ela permite o predomínio político. Recentemente, vimos como a quebra da libra e das moedas da sua área criou problemas cambiais que se traduzem por uma profunda repercussão no comércio internacional. Aprendemos que nenhum país pode cuidar dos problemas de economia como se vivesse em círculo fechado. Em verdade vivemos num mundo só, e é preciso compreendê-lo como um todo que é'...

As idéias expostas revelam-se tão atuais em 1951 como em 1981. Em paralelo a essas lúcidas preocupações externas do período e da estruturação da Faculdade, outros eventos que marcaram esse período foram: (1) a elaboração do estatuto do CAVC pela sua primeira diretoria e seu registro na Reitoria da USP e mais tarde revisado em 1957; (2) as gestões para a obtenção da primeira sede do CAVC, em 1947, nos porões da Faculdade de Arquitetura, localizada então na Avenida Higienópolis, somente em 1950 passou a utilizar um local mais adequado para seus fins; (3) a campanha para a revisão curricular dos cursos de ciências econômicas e administrativas e ciências contábeis e atuariais; (4) a campanha para a regulamentação das profissões de economista e atuário; (5) a criação do "cursinho" que passou a ser explorado pelo CAVC, para a preparação dos vestibulandos e permitir a criação de novas fontes de renda; (6) participação no movimento estudantil de São Paulo através da UEE e da UNE.

O depoimento do ex-presidente José Guilherme Hausner reflete o que foi, nesse período de 1947 a 1957, o Centro Acadêmico:

"O CAVC, foi nos primeiros anos de existência da Faculdade, a meu ver, o grande elo de ligação entre professores e alunos, pois, como o chopp era muito e os alunos poucos, restava-nos convidá-los a participar de nossas chopadas e excursões. Essa participação criou um clima de camaradagem entre o corpo discente e docente, e permitiu que fossem feitos esforços em conjunto para defender os interesses da Faculdade, junto aos órgãos de direção da USP"...

2. O Período de 1958 a 1969

O período 58/69 foi de consolidação da FEA/USP no cenário nacional. Nesse período a FEA/USP adquiriu sua maioria como núcleo reconhecido de ensino e pesquisa. Os primeiros alunos formados pela nova Faculdade, assumiram funções docentes e passaram a despontar na estrutura de poder até então vigente. O corpo docente ampliou-se. O número de vagas para ingresso crescia de 90 para 300 e, finalmente, para 450 vagas por ano. Esse crescimento foi uma resposta à demanda crescente da sociedade pelo ensino universitário e, em especial pela FEA, por ter alcançado respeitabilidade, ao oferecer um ensino adequado para carreiras já reconhecidas (vide o

capítulo do Prof. Roberto Brás Matos Macedo sobre o impacto da FEA sobre o sistema governamental desse período). Internamente, o CAVC foi também se consolidando, mas sua vida foi marcada pelo principal evento dessa década — o golpe militar de 1964.

De 1958 a 1963 vários movimentos na FCEA e no País influíram na vida do Centro. A "greve do 1/3" cujo objetivo foi o de conseguir a representação dos alunos nos órgãos colegiados marcou este período. A proporção de 1/3 não foi obtida mas os alunos, a partir de então, passaram a se fazer representar em todos os órgãos colegiados da Universidade.

Também nesse período, principalmente nos três primeiros anos da década dos 60, o CAVC conseguia a construção do seu restaurante para atender, a preços razoáveis, enorme quantidade de alunos da FEA, da Faculdade de Filosofia e de estudantes de outras unidades vizinhas. O embalo da construção do restaurante permitiu a remodelação da sede do CAVC, a instalação de uma gráfica e de uma sala de recreação. Ainda no plano interno, o CAVC conseguia consolidar a representação estudantil nos órgãos deliberativos — CTA e Congregação — e a legitimação da defesa dos interesses dos estudantes nesses órgãos. No plano externo, intensificava-se a participação do CAVC nos debates sobre a situação nacional marcando sua presença em acontecimentos culturais e políticos, assim como na articulação com as entidades representativas dos estudantes nos seus vários níveis (DCE, UEE, UNE).

Em 1964, logo após o golpe militar, um fato inédito na vida do CAVC: um grupo de estudantes mais conservadores da FEA invadiu as dependências do CAVC e ameaçou repetir o que havia acontecido a nível nacional. A interferência de alguns estudantes e da diretoria da FEA, numa das assembleias mais tumultuadas da vida do CAVC, impediu que isto ocorresse. Chegou-se, então, a uma solução de compromisso pela substituição da diretoria eleita, por uma de menor representatividade. Isto permitiu que o CAVC continuasse sua vida e, ao término da gestão mediadora, as eleições fossem novamente ganhas pelos representantes da diretoria deposta.

A partir de então e até os momentos atuais, a diretoria do CAVC representa mais do que mera liderança para tratar dos problemas de ensino. O período até 1968, que foi muito rico em eventos para o CAVC, foi também um período de grandes tensões e conflitos. De 1964 a 1968, o movimento estudantil constituiu-se em um dos redutos de manifestação contra o regime autoritário imposto ao País. O Movimento Universitário Brasileiro procurava através de suas passeatas e congressos, alertar a sociedade quanto aos malefícios de um regime centralizador, violento e ditatorial.

Internamente, procurava-se atender as necessidades dos alunos através de um serviço de estágios, de feira de livros, de publicações de apostilas, do aprimoramento do restaurante e de uma intensa programação cultural. Esta constituiu-se de eventos como cinema, teatro e cursos especiais originais, estes últimos organizados pelo Centro de Estudos de Administração e de Economia, criado nessa época.

O Centro Acadêmico passava por uma fase financeira estável, com rendimentos provenientes da taxa dos vestibulandos, da alta rentabilidade do cursinho (CCPV), e das receitas dos outros serviços prestados. A gráfica foi ampliada para atender a necessidade de publicações de livros e apostilas, da série "Documentos" e do jornal "Vanguarda" do CAVC. Quando alunos da

FEA desejavam divulgar opiniões totalmente diversas daquelas da diretoria, o CAVC publicava o "Tribuna" que permitia a divulgação dessas idéias, revelando o espírito democrático que reinava entre os alunos da FEA à época.

A vida acadêmica não era só feita de estudo e participação nos movimentos do CAVC. A boêmia e os "papos" tinham uma parte na vida do estudante da FEA. Começavam pela manhã, para os alunos do curso matutino, na sede do CAVC, no subsolo do prédio da Dr. Vila Nova, ao redor de uma mesa de ping-pong ou do "pebolim". Mais tarde, o ponto de encontro no intervalo ou depois das aulas foi o "Bar do Zé" com um cafezinho ou um refrigerante. Este local, na esquina da Rua Dr. Vila Nova e Maria Antonia, representava o ponto de convergência dos alunos da Filosofia e da FEA.

Nos "papos" tudo era assunto para discussão, desde o conteúdo de uma aula de Sociologia Geral ou Direito do Trabalho até a Guerra do Vietnã ou a última peça do Guarnieri. Os destinos do CAVC também eram debatidos. Mais tarde, à noite, depois de um dia pleno de trabalho, os alunos do noturno ocupavam o espaço deixado vazio à tarde. À noite, principalmente na sexta-feira, o local preferido de todos era o "Bar Sem Nome" também na Rua Dr. Vila Nova, perto da Major Sertório. Em torno de imensa variedade de "caipirinhas" que ia do tamarindo ao agrião, e sentados em banquinhos ou na calçada, colegas tornavam-se amigos. Afirmava-se que Chico Buarque compusera suas primeiras músicas naquele local e, desde então, sempre havia alguém tocando violão no fundo do bar.

Para o "Bar Sem Nome" convergiam os universitários da região. Junto aos alunos da FEA podiam ser encontrados os alunos da Filosofia e da Sociologia e Política, os futuros médicos da Santa Casa e, às vezes, até algum mackenzista perdido. A conversa e a música se misturavam para criar um ambiente de descontração, onde o fator limitante nunca foi o tempo, mas o pouco dinheiro nos bolsos de cada um.

A partir de 1966, empreendeu-se forte reação contra os atos do governo central, que procurava neutralizar o movimento estudantil e subjugar a Universidade à sua vontade. Vários movimentos impediram que isso acontecesse. A própria Lei Suplicy que reorganizava a representação estudantil, não alcançou seus objetivos e o ensino superior pago não chegou a ser implantado, graças à mobilização dos estudantes e sua capacidade de organizar-se. O DCE, UEE e UNE lideraram a resistência com apoio da maioria dos centros acadêmicos, inclusive do CAVC.

No CAVC, uma manobra política era necessária para evitar a criação de duas entidades de representação — uma genuína que era o próprio CAVC e outra imposta pela Lei Suplicy denominada Diretório Acadêmico da FEA. Os alunos da FEA se dividiam em três correntes: uma, minoritária, defendendo a participação nas eleições do DA e, portanto, aceitando a nova Lei; outra defendendo ignorar a existência da mesma. A terceira corrente, que teve o respaldo da maioria dos alunos foi a da participação de uma chapa que foi eleita para o DA com o apoio do CAVC. Apurado o resultado da eleição, a diretoria empossada se demitiu derrotando, na prática, a Lei Suplicy. Com isso se consolidava mais uma vez o CAVC como único órgão representativo dos alunos da FEA/USP e dava-se uma demonstração da maturidade política dos alunos.

A essa época iniciava-se ambiciosa pesquisa de nível de ensino, que procurava levantar a opinião de todos os alunos sobre todas as disciplinas e os professores da FEA. Com base nesse documento foram centrados os debates nas comissões paritárias de professores e alunos constituídas em 1968, para estudar a reestruturação da FEA e da USP. A ocupação da Faculdade nesse ano de 1968, serviu como forma de mobilização dos alunos, em torno dos problemas da FEA e das violências ocorridas então no Rio de Janeiro, culminadas com a morte de um estudante em março de 1968.

A ocupação não tinha um fim em si próprio. Valia como única forma de garantir que, suspensas as aulas e fechada a Faculdade, impedia-se, deste modo o acesso ao CAVC e a um lugar seguro de encontro. Mantida a Faculdade aberta, o movimento poderia prosseguir. Alunos e professores constituíram comissões para debater o ensino da FEA e a estrutura da Universidade de São Paulo. Com participação intensa, vários documentos foram elaborados sobre os dois temas. O resultado mais relevante, no entanto, não foram os documentos, mas sim, as conclusões dos debates, muitas delas implantadas. Como resultado, desenvolveu-se a discussão entre professores e alunos, em pequenos grupos, dos quais resultou novo ambiente de integração. Infelizmente este ambiente durou pouco tempo. A polícia ocupou a região da Rua Maria Antonia após os sangrentos conflitos entre os alunos do "Mackenzie" e da "Filosofia"; a FEA foi invadida pelos policiais e mais tarde o Ato Institucional nº 5, decretado pelo Governo Federal, passou a ser o marco inicial de nova fase para o CAVC.

No ano de 1968 o movimento estudantil brasileiro sofreu um grande revés. O XXX Congresso Nacional da UNE estava se realizando no Município de Ibiúna, a 80 km de São Paulo, quando foram presos e fichados todos os seus participantes e vários deles retidos para julgamento. Após a "queda" do Congresso da UNE inicia-se a repressão ao movimento estudantil com mais intensidade e há um claro descenso nas atividades de mobilização. Na FEA, o movimento estudantil manteve-se ainda muito ativo até a decretação do AI-5, em dezembro de 1968. Com o AI-5 a repressão se tornou mais ostensiva, desmantelando-se as entidades de representação estudantil. Na FEA ainda se tentava resistir como revela o depoimento do então Presidente do CAVC, Paulo Beskow:

"Mesmo após o AI-5, as atividades de resistência à ditadura pelo CAVC prosseguiram: logo após o AI-5 houve ampla reunião no saguão da FEA para discutir formas de mobilização, organização e resistência; distribuição na FEA e em outros locais da cidade de panfletos e análises combatendo o ato e propondo formas de denúncias e resistência (denúncia da aposentadoria compulsória de inúmeros eminentes professores da USP). Mesmo no plano puramente interno as atividades do CAVC prosseguiram". . .

Foi esta resistência que caracteriza o ano de 1969 quando a repressão política passou a perseguir inúmeros alunos da FEA, intimando-os a comparecer a interrogatórios policial-militares. Esta perseguição culminou com a prisão de Paulo Beskow no exercício de suas funções de Presidente do CAVC,

que foi criminosamente torturado e condenado com base na Lei de Segurança Nacional, pela Segunda Auditoria Militar de São Paulo. Condenado à pena de 27 meses de detenção, esta mais tarde foi reduzida a 12 meses por se tratar de réu primário. Começava uma nova fase na vida do CAVC.

3. O Período de 1970 a 1981

Como resultado desses eventos a eleição da diretoria do CAVC em 1970 foi, sem dúvida, a mais dramática. O depoimento do ex-Presidente Luiz Renato Ignarra ilustra o fato:

“Não havia grupos organizados, quer da situação, quer da oposição, para concorrer às eleições. Grassava um temor generalizado entre todos os alunos que impedia a formação de chapas concorrentes à diretoria do CAVC. Alguns poucos líderes que atuavam de forma a mais clandestina possível conseguiram formar uma chapa apenas com alunos do 1º ano, por mim e mais um colega do 2º ano. Assim, a eleição aconteceu com chapa única e mesmo assim conseguimos apenas 60% dos votos possíveis. Dessa forma, nossa eleição representou principalmente a sobrevivência do CAVC e toda nossa gestão caracterizou-se por uma luta desigual para a sobrevivência da nossa entidade de representação”.

A partir de 1970, em função do contexto externo, a diretoria do CAVC orientou suas atividades para dentro da Faculdade, recolocando o CAVC como órgão representativo dos alunos junto aos colegiados, posição esta perdida em 1967 com a Portaria 477 do MEC que impôs novos órgãos de representação estudantil, os quais, na prática, nunca vingaram. Uma série de dívidas assumidas na gestão anterior foram saldadas; recuperou-se o cur-sinho e o restaurante e tentou-se o mínimo de mobilização para garantir um espaço físico no novo prédio da Faculdade em fase de mudança para a Cidade Universitária. O grande desafio dos alunos dessa época foi assegurar a sobrevivência do CAVC num ambiente tenso e hostil.

Nesse período, os problemas de espaço se tornaram críticos, obrigando o CAVC, à semelhança do ocorrido em 1947, a sediar-se fora da sua Faculdade. O CAVC foi alojado na Faculdade de Geociências, sem qualquer proteção contra os freqüentes arrombamentos. O patrimônio do CAVC, que tinha alcançado tamanho expressivo (o restaurante, dois andares na Rua Quirino de Andrade, utilizados pelo Curso Preparatório Visconde de Cairu, uma gráfica, uma sede bem equipada etc.), foi rapidamente reduzido a uma escrivaninha e um arquivo e um volume considerável de dívidas surgiu. As taxas provenientes dos vestibulandos, parcialmente encaminhadas ao CAVC, também deixaram de ser remetidas pelo então CESCEA.

Apesar da prisão de vários diretores do CAVC, da freqüente “visita” das forças policiais e do desbaratamento do seu patrimônio, o CAVC sobreviveu. Ao término dessa gestão, duas chapas voltaram a concorrer para ser empossada a mais votada. A partir de então, o CAVC procura recuperar, ar-

duamente, o seu espaço, tanto em termos políticos como em termos físicos. Novas lideranças passaram a despontar apesar da conjuntura externa adversa.

Em 1975, o CAVC, finalmente, obtém uma sede para suas atividades e participa ativamente na reorganização das entidades estaduais e nacionais de representação (DCE, UEE e UNE). A partir daquele ano a participação dos alunos aumenta e retorna a possibilidade de opinar sobre os problemas internos de mudança curricular, didática, conteúdo programático etc. Para tratar desses temas criou-se uma comissão mista de professores e alunos. Esta possibilidade de manifestação se estende aos problemas externos à FEA, sobre os quais o CAVC assume posições claras em defesa da anistia ampla, geral e irrestrita, e de apoio aos trabalhadores contra o arrocho salarial.

O período de 1970/80, iniciado com eventos alarmantes para o CAVC, terminou num ambiente de relativa normalidade. O País atravessa um processo de abertura política, as atividades políticas são exercidas livremente fora da Universidade, e as lideranças estudantis podem despontar novamente sem serem ameaçadas pelas suas idéias de mudança e inconformismo.

A FEA/USP, neste fim de década, já é uma grande Faculdade com mais de 2.000 alunos e 200 professores e seus cursos de Mestrado e Doutorado estão consolidados e reconhecidos nacionalmente, além de registrar elevada produtividade de pesquisas e publicações e com uma intensa prestação de serviços à comunidade.

O CAVC continua com seu duplo compromisso, de liderar os alunos em torno do permanente aprimoramento do nível de ensino da FEA/USP e de representá-los junto às entidades estudantis estaduais e nacionais. Já em 1979, esses compromissos demonstram que podem ser plenamente cumpridos através de um elevado nível de relacionamento entre a diretoria da Faculdade e os alunos.

4. Conclusão

No ambiente universitário dinâmico, o jovem estudante passa a sofrer o conflito entre os valores herdados e aqueles que o acompanharão durante toda a sua existência. Participando da vida acadêmica, ele tem a oportunidade de explicitar o mundo no qual ele deseja viver. O CAVC ofereceu para muitos esta oportunidade de ingressar no mundo intelectualmente adulto onde “o pensar” passa a anteceder “o fazer”. Não bastava só pensar, mas era necessário também se comprometer e defender ideais, propósitos e valores. Esses debates aconteciam nos pequenos grupos de colegas, nas reuniões de classe, nos encontros de representantes, dentro e fora da FEA e, finalmente, nas assembléias. Foi nas assembléias gerais do CAVC que muitos tiveram sua primeira experiência em defender suas idéias perante um grande público. Como qualquer primeira experiência, ela foi marcada pela insegurança, pela indecisão, mas sempre recompensada com o fruto da aprendizagem. Assim é o mundo acadêmico, no qual o CAVC representa o catalizador na FEA/USP.

Em linhas gerais, estes foram os eventos que marcaram a vida do CAVC nos últimos 35 anos. A dificuldade de registrar todos os fatos torna esta imagem imperfeita mas, sem sombra de dúvida, o CAVC detém uma tradição na formação de líderes, em educar para o processo democrático, em

desenvolver o senso de responsabilidade. Suas manifestações contribuíram para o aprimoramento do ensino na FEA/USP. A permanente luta contra os regimes autoritários e em defesa das mais diversas camadas permitiu que a vida na Universidade fosse, através do debate, também uma oportunidade para a formação de homens prontos a assumir seu lugar na sociedade.

Presidentes do Centro Acadêmico "Visconde de Cairu"

Período de 1946 a 1957

Egberto Leite de Carvalho Silva	Helio di Rienzo
Pery Bomeisel	José Guilherme Hausner
Mário Moutinho	Augusto Lopes Torres Filho
Pery Bomeisel	Celso Waack Bueno
José Eduardo Bicudo de Almeida	Alkindar Toledo Ramos
Antonio Delfim Netto	Klaus Günter Hering

Período de 1958 a 1969

Charles Kurt Muller	Nelson Gomes Teixeira
Affonso Celso Pastore	Fábio Ramalho de Cicco
Miguel Colasuonno	Denisard Cnéio de Oliveira Alves
Eduardo Pereira de Carvalho	José Maria Arbex
Paulo Henrique Sandroni	Jacques Marcovitch
Alfredo Henrique Costa Filho	Paulo Beskow

Período de 1970 a 1981

Pérsio Marco Antonio Davison	Ricardo Mello
Luiz Renato Ignarra	Gesner José de Oliveira Filho
José Eduardo Cassiolato	Luiz Patricio Cintra do Prado Filho
Waldir José de Quadros	José Augusto Castelo Branco Ferreira de Santana
Ricardo Oscar Komori	Nivaldo Sanches
Markus Sokol	
Aloisio Mercadante Oliva	

Ao retrazar o caminho do percurso da Associação dos Ex-Alunos durante os anos passados, desde o seu nascer, verificamos que não se distingue pela linha contínua, ainda que, os objetivos tenham permanecido inalteráveis, outros a enriqueceram ao longo do tempo e, de modo fundamental, os ideais que lhe deram alento, jamais feneceram. Neste capítulo, procuraremos descrever, sobretudo através de depoimentos dos colegas, como surgiu e se desenvolveu, com seus anos de entusiasmo e de iniciativas, outros de desalento, até a fase atual. Esta, de consolidação, é marcada pelo esforço no sentido de desempenhar plenamente o seu grande papel de elo de ligação entre a FEA, o ex-aluno, as empresas e, de modo geral, o meio onde atuam.

1. Os Primeiros Anos

A história da Associação dos Antigos-Alunos, hoje Associação dos Ex-Alunos da FEA – Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo, confunde-se com as experiências dos seus alunos que, determinados a continuar o diálogo com a Universidade, promoveram a manutenção da Associação visando não só a efetuar uma reciclagem profissional como também garantir o convívio entre os colegas de curso. Antonio Delfim Netto, atual Ministro da Secretaria do Planejamento – Seplan, foi um dos fundadores da Associação, juntamente com outros alunos da FEA interessados num entrosamento Pós-Escola. Flávio Pécora – vice-presidente da Entidade no período de 1954 a 1958 – comentou sobre aquele período “como uma época na qual a tentativa era continuar a manter o contato entre os professores, os ex-alunos e um elo entre os que deixavam a FEA e os que permaneciam”. Pécora não se lembra exatamente como surgiu a idéia de formar uma Associação de Ex-Alunos, mas salientou que Delfim Netto foi um dos maiores incentivadores da iniciativa. Reconhece que, de início, a Associação